

ENCANTAMENTO DE LEITORES: DESAFIO DIÁRIO DO PROFESSOR

Valéria Verissimo GOMES – Aluna do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (UTFPR – Londrina) ¹³

RESUMO: A presente pesquisa-ação, também de cunho bibliográfico, focaliza o encantamento de leitores pelo texto literário, com atenção especial aos desafios, apontados pelos professores, referentes a esse tópico. Atualmente, com a diversidade de correntes pedagógicas presentes na educação, e havendo a necessidade de se trabalhar vasta quantidade de conteúdos que constam do currículo escolar, faz-se necessário avaliar como tem sido o trabalho com a leitura na escola. Pretende-se, então, tecer algumas considerações que contribuam para a melhora da qualidade das práticas escolares, em relação à leitura na primeira infância. Para isso, optou-se, teoricamente, por Moraes, o qual defende que a leitura se inicia antes mesmo da criança adentrar numa instituição escolar, através de diferentes recursos. Já no ambiente escolar, um dos papéis do professor é incentivar o prazer pela leitura, efetuada de forma lúdica e atrativa. Um ambiente leitor é aquele que regularmente tem alguém praticando o ato de ler, sendo esse o caminho que o professor deverá trilhar, batalhando pela função humanizadora da leitura. Para tal, realizar leitura compartilhada, contação de histórias, leitura de poemas, parlendas, trava-línguas, letras de canções, dentre outras atividades. Assim, ainda na linha investigativa, estarão presentes principalmente textos de autores como Zilberman, Candido, Souza e Martins. Atualmente a tecnologia e a mídia vêm ganhando espaço e a leitura em livros físicos vem se perdendo, sendo esses alguns dos aspectos mencionados pelos professores. Diante disso, serão apresentadas sugestões para superar esses desafios e encantar os alunos na primeira infância, contribuindo para sua formação leitora.

Palavras-chave: Prazer da leitura; Formação do leitor; Atividades para o professor.

¹³ E-mail: valeria.verissimo.gomes@gmail.com.

1 INTRODUZINDO

Adquirir o prazer pela leitura é um processo que exige tempo e rotina. Entretanto, numa sociedade que não tem essa cultura como prática, muitas vezes, desenvolvê-la torna-se também um trabalho árduo. Afinal, desenvolver esse prazer não é algo que se adquire espontaneamente, por isso, ter essa prática leitora deve ser cultivada desde os primeiros anos de vida de uma pessoa.

Contudo, vivemos numa geração em que, desde muito pequenas, as crianças estão expostas a toda gama de tecnologia, como *smartphones*, *tablets*, computadores, dentre outros recursos tecnológicos, tendo como consequência a falta de interesse por livros físicos. Não deixo de considerar que, ao manusear tais aparelhos tecnológicos, a leitura também acontece, porém de maneira rápida, muitas vezes sem um foco específico, visto que os estímulos visuais a que estão expostos os leitores fazem com que a leitura seja breve. Contudo, com a prática de leitura em livros físicos e a ascensão dos recursos tecnológicos, levanta-se então a preocupação sobre a possibilidade do desaparecimento de livros e a prática da leitura. Oliveira e Oliveira (2018) afirmam que “[...] enquanto houver leitores audaciosos e desafiadores, a prática de leitura não sucumbirá. Se o saber pode ser perigoso, a ignorância é muito mais.” (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2018, p. 38).

Neste sentido, cabe-nos refletir: como têm sido os exemplos dados às crianças dessa era tecnológica, que, ao invés de assistirem seus pares manusearem livros, assistem-nos manipulando telefones celulares e diferentes aparelhos eletrônicos?

No entanto, se a criança aprende por imitação e por exemplos que presencia, deparamo-nos com uma sociedade que pouco tem buscado conhecimento e informações em livros físicos, mas muito mais em recursos tecnológicos, de maneira mais rápida.

A fim de compreender as dificuldades encontradas pelos docentes no processo de ensino da leitura, foi realizada uma *pesquisa-ação*, com professores da Educação Básica, do município de Cambé, a fim de verificar como esses profissionais se comportam perante a leitura, como ela é trabalhada no cotidiano escolar, bem como o que pensam sobre os recursos tecnológicos a que as crianças estão expostas e sua colaboração ou não para o processo da aquisição da leitura.

As experiências com leitura, antes mesmo de estar num ambiente escolar, são de extrema importância para a vida da criança, visto que o acesso aos livros e fontes de pesquisa facilitará a aprendizagem nas diversas áreas de conhecimento, principalmente no período de alfabetização.

2 POR QUE LER PARA CRIANÇAS PEQUENAS?

Ler é uma das habilidades mais importantes de que o ser humano pode se apropriar. A leitura desenvolve a aquisição do conhecimento, auxilia na compreensão de textos, instiga o senso crítico, desenvolve ideias, desperta a imaginação, permite construir referenciais, assimilar e acumular informações, além de proporcionar prazer.

Para crianças que ainda não são leitoras, faz-se necessário que o adulto lhe proporcione momentos de aprendizagem e prazer para que sua imaginação, reflexão e senso crítico sejam despertados, desenvolvendo assim sua capacidade de pensar. Deste modo, seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo também sofrerá transformações. Nessa perspectiva, o ato de ler para uma criança desencadeia inúmeras possibilidades de desenvolvimento em sua mente.

Assim, a leitura permite que aconteça uma interação com o ambiente em que estamos inseridos, fazendo com que desenvolvamos a compreensão do mundo. Para a criança que precisa adquirir diversas habilidades e capacidades, sendo a compreensão

do mundo uma das mais importantes, o contato com livros - desde o seu primeiro ano de vida - fará toda a diferença no seu desenvolvimento.

Sabemos que uma das vias de aprendizagem da criança é pela imitação e pelo exemplo. Ela imita os pais, os professores, os irmãos, os colegas. De acordo com Morais (2013), o infante que vê a leitura sendo valorizada por seus pais, com o passar do tempo, começa a se interessar por essa atividade, compreendendo que os livros são repletos de segredos a desvendar, tornando-se ansioso por conhecimento, conseqüentemente, ansioso por aprender a ler.

O Instituto Pró-Livro, através de uma pesquisa denominada **Retratos da Leitura no Brasil**, em 2016, identificou que a influência da mãe no processo de aquisição da leitura, é mais significativa e mais percebida do que a influência do professor. Face a isso, acredita-se que “as pessoas reconhecem melhor o que fica na *memória afetiva*.” (FAILLA, 2016, p. 27, grifo nosso). No entanto, a afetividade é fundamental, conforme afirma Souza, para o “[...] desenvolvimento de **competência leitora**, razão pela qual se torna **imprescindível o papel do mediador**, dentro de uma **relação que envolva confiança e afetividade**.” (SOUZA, 2017)

Ainda de acordo Morais (2013), no ambiente escolar, o professor pode e deve envolver os pais no processo de aprendizagem da leitura, incentivando também que desenvolvam essa rotina no cotidiano familiar. A tal atividade, o autor denominou de *leitura partilhada*, cujo objetivo principal é aproximar a criança e o adulto, num momento aconchegante no descobrimento do prazer em ler.

Mas quando começar a ler para crianças? Até mesmo antes de a criança completar um ano de vida, é possível proporcionar o contato com livros de pano, ilustrados com as partes do corpo, por exemplo, a fim de estreitar a relação da criança com esse tipo de objeto. Ao mostrar para o bebê as imagens ilustradas no livro, nomeando-as, proporciona-se nesse momento o desenvolvimento da compreensão auditiva relacionando a imagem à palavra, ampliando assim seu vocabulário. “A maioria das crianças entre 15 e 18 meses é capaz de aprender uma palavra nova e

relacioná-la com o objeto que ela representa após uma única sessão de leitura partilhada.” (MORAIS, 2013, p. 2).

Os momentos de leitura partilhada realizada por pais e professores proporcionam, por conseguinte, diversos benefícios às crianças como o desenvolvimento da boa memória auditiva, que resultará em facilidade na compreensão de textos, ampliação vocabular (desde palavras a orações), bom desempenho escolar, além do prazer pela leitura. Assim, a partir da proposição de Morais, compreendemos que a leitura feita para a criança, por um adulto, torna-se uma expressão humana, e ela aprende por meio da linguagem de seu leitor.

Para alunos que já possuem domínio do código escrito, e conseguem ler textos com autonomia, esse momento também é desfrutado, pois a troca de experiências e integração acontece de maneira mais ampla, fazendo com que a experiência da leitura partilhada tenha resultados significativos e duradouros. Logo, além da integração e troca de experiências em atividades de leitura compartilhada, a leitura em si, permite a compreensão e transformação do ser humano, e na criança, transformará sua trajetória a partir dos textos a que está exposta.

Ainda a respeito da leitura, Martins (1986, p. 30) afirma:

Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressões do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido.

A partir disso, como processo de compreensão de expressões, a leitura vai além do texto, e permite que o leitor perceba um novo sentido no que leu. Ele deixa de ser um mero decodificador de palavras, passando a assumir um papel atuante perante o conhecimento adquirido, passando a atribuir-lhe significado, e a leitura será, então, um instrumento libertador, ou seja, a leitura modifica sua história. Contudo, práticas de

leituras devem promover o enriquecimento de “nossa relação com o real, quando ampliam a escala de nossas emoções e nos oferecem (às vezes) um ponto de vista original” (JOUVE, 2010).

Zilberman (1985, p. 17) estabelece uma relação entre o ser humano e o mundo que o cerca, bem como o que essa leitura provoca em cada um.

Compreendida de modo amplo, a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca. Pois, se este lhe aparece, num primeiro momento, como desordenado e caótico, a tentativa de impor a ele uma hierarquia qualquer de significados representa, de antemão, uma leitura, porque imprime um ritmo e um conteúdo aos seres circundantes. [...] a leitura pode ser qualificada como a mediadora entre cada ser humano e seu presente.

Sendo, então, a leitura a mediadora do ser humano e seu presente, faz-se necessário, proporcionar o contato da criança com ela, a fim de que seu presente seja modificado e conseqüentemente o curso do desenvolvimento de sua vida. Como afirma Candido (1989), a literatura tem a capacidade de agir no psicológico e emocional da criança, por meio do conjunto de linguagens que carrega, levando a criança a formar conceitos e opiniões, atuando diretamente no seu *processo de humanização*, ensinando-lhe qual é o seu papel na sociedade. Portanto, a leitura transforma o ser humano e sua história, atuando diretamente em sua formação social. Segundo o autor, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (CANDIDO, 1989, p. 180)

3 COMO SE ENCONTRA O PROCESSO DE ENSINO DE LEITURA

Com o objetivo de investigar como se encontra o processo de ensino de leitura na educação infantil, no município de Cambé, foi realizada uma pesquisa-ação, com professores da rede pública. Foi utilizado, como instrumento de investigação, um formulário com questões objetivas e respostas abertas, a fim de que os profissionais expusessem suas considerações. A respeito da pesquisa-ação, Tozoni-Reis, esclarece que

“A metodologia da pesquisa-ação articula, radicalmente, a produção de conhecimentos com a ação educativa, isto é, por um lado investiga concomitantemente um processo educativo para o enfrentamento dessa mesma realidade”.

[...] É uma modalidade de pesquisa qualitativa que coloca a ciência a serviço da emancipação social, trazendo duplo desafio: o de pesquisar, o de investigar e educar, realizando, nesse processo educativo, a articulação entre teoria e prática. (TOZONI-REIS, 2006, p. 35)

Ao serem questionados se consideram *importante que o professor tenha a leitura como uma atitude constante* no seu cotidiano, 6,5% dos entrevistados responderam que não consideram que esse hábito seja imprescindível para o professor. Estes profissionais, muito provavelmente, consideram que o trabalho com alunos da Educação Infantil, não exige conhecimento teórico para desenvolver essa etapa de ensino. Tal posicionamento reduz a prática do professor à velha concepção de cuidados básicos com a criança pequena numa instituição escolar, ou seja, consideram que esta etapa de ensino é uma fase em que ela precisa ser cuidada em sua integridade física, não a considerando como etapa primordial para o desenvolvimento integral do indivíduo. No entanto, 93,5% dos profissionais consideram que a leitura é fundamental para a atuação pedagógica do professor.

A partir dos resultados da referida questão, passamos a refletir sobre a postura do professor quanto à própria prática de leitura. Quando questionados a respeito da

quantidade de livros lidos, seja para atuação profissional ou por prazer, tivemos os seguintes resultados:

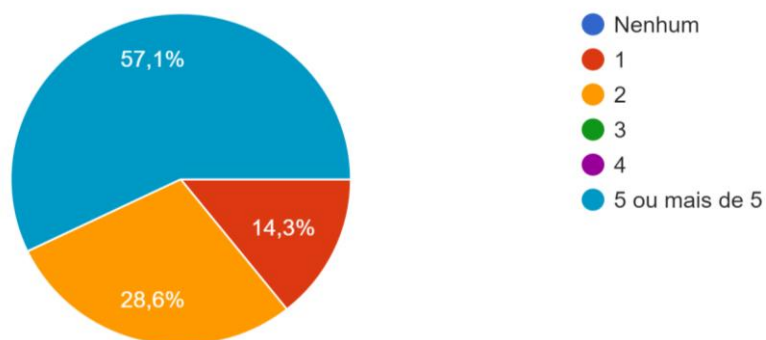


Gráfico 1: Total da amostragem.
Fonte: Dados da pesquisadora.

Tais resultados demonstraram que, apesar de 6,5% não considerarem importante que o professor tenha a leitura como uma prática constante em suas vidas, todos os entrevistados relataram que leram pelo menos um livro nos últimos seis meses, e mais de 50%, têm essa prática no seu cotidiano, relatando que leram cinco ou mais nos últimos tempos.

A fim de investigar com que frequência esses profissionais *realizam leitura para seus alunos*, obtivemos os seguintes resultados:

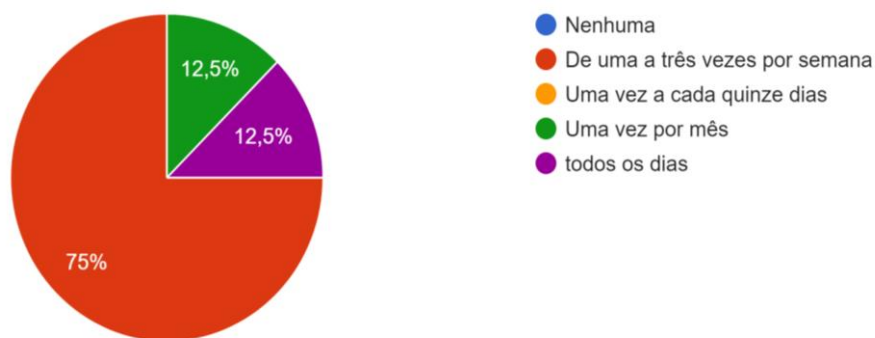


Gráfico 2: Total da amostragem.
Fonte: Dados da pesquisadora.

Outro fato que nos leva a refletir, é a quantidade de professores que apresentam a leitura em sala de aula apenas uma vez por mês. Desta forma, o ensino através do exemplo, não está sendo colocado em prática. Percebe-se que esses entrevistados ainda não compreendem a importância de apresentar um bom repertório de histórias infantis, necessários ao desenvolvimento da criança. Por outro lado, 75% dos entrevistados, compreendem a importância dessa prática, e incentivam o prazer pela leitura, na maioria dos dias da semana.

Os entrevistados responderam à questão que consistia em investigar se *existe interação entre a literatura apresentada aos alunos e as diferentes áreas de conhecimento*. Em sua maioria, os professores colocaram que utilizam textos que estão de acordo com os conteúdos programáticos. Veja o gráfico abaixo:

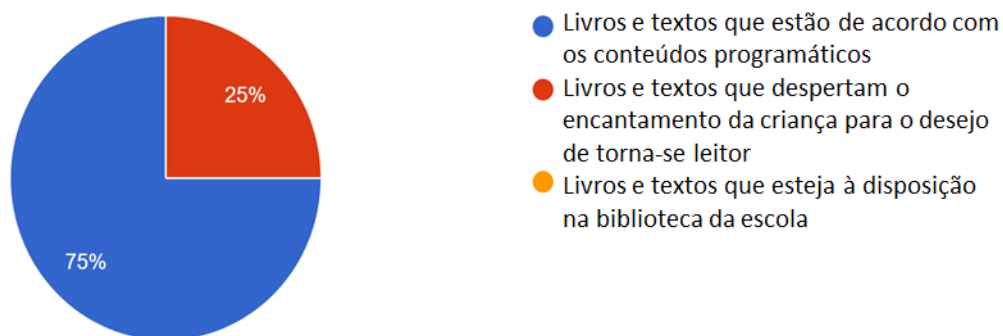


Gráfico 3: Total da amostragem.

Fonte: Dados da pesquisadora.

Esses dados nos mostram que a grande maioria dos professores usa livros e textos – leitura utilitária – como complementares aos conteúdos programáticos e apenas 25% desenvolvem atividades que despertam o encantamento da criança para a atividade de leitura. Assim, essa prática de usar livros e textos para complementar os conteúdos curriculares pode tornar o momento de leitura uma atividade mecânica,

levando o aluno a simplesmente decodificar/decorar tais conteúdos, lendo por ler, automaticamente.

Para que a prática da leitura se torne prazerosa, devem-se buscar textos interessantes e, principalmente com os menores, desenvolver atividades lúdicas, além de articuladas com suas realidades, faixas etárias e interesses pertinentes à idade.

Silva (2002, p. 96) destaca:

A leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não-significativas e irrelevantes.

Ainda de acordo com as respostas dos professores:

A leitura não pode ser uma atividade secundária na sala de aula ou na vida, uma atividade para a qual a professora e a escola não dedicam mais que uns míseros minutos, na ânsia de retornar aos problemas da escrita, julgados mais importantes. Há um descaso enorme pela leitura, pelos textos, pela programação dessa atividade na escola; no entanto, a leitura deveria ser a maior herança legada pela escola aos alunos, pois ela, e não a escrita, será a fonte perene de educação, com ou sem escola. (CAGLIARI, 1993, p. 173).

Portanto, apesar de imbricadas – leitura e escrita – a primeira é a mais importante, para o desenvolvimento inicial do estudante, que, se seduzido, se tornará um eterno leitor, mesmo nesta era tecnológica. E a respeito da tecnologia, Morais (1996, p. 22) destaca:

Deve-se reconhecer que a importância da leitura e da escrita foi também reforçada pela revolução informática. O consumo de imagens, sobretudo pela televisão, certamente fez diminuir, proporcionalmente, certo tipo de leitura, como a literatura e os jornais.

Mas a participação da leitura e da escrita na vida profissional aumentou com sua banalização em toda uma série de profissões que utilizam a informática.

A mudança de suporte, a tela e o teclado substituindo o papel e o lápis, só aumentou a eficácia de armazenagem, de arquivo, de manipulação e de comunicação da informação.

O trabalho em computador reforçou a dinâmica interativa da leitura e da escrita.

Diante da exposição do autor, podemos considerar com a presença dos recursos tecnológicos no cotidiano das pessoas, o que mudou foi a maneira como a leitura acontece. Com as crianças, essa situação não é diferente. O que se faz necessário é que o professor saiba utilizar esses recursos como aliados e motivadores da prática da leitura por prazer, explorando as possibilidades por eles proporcionadas. A mudança e a inovação devem ser buscadas por todos, a fim de promover a melhoria da qualidade da leitura.

No que diz respeito às *atividades que envolvam a família dos alunos no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura*, 80% dos entrevistados relataram que não desenvolvem nenhuma diligência nesse sentido. Os 20% que apresentam projetos, relataram utilizar sacolas de leitura enviadas às famílias dos alunos com diferentes gêneros textuais, para que juntos realizem a leitura e compartilhem o momento.

Uma das questões apresentada aos professores, consistia em saber se *consideravam a tecnologia como aliada ou como algo que atrapalha o processo de desenvolvimento da leitura com os alunos*. Do total de entrevistados, 70% consideraram que a tecnologia pode ser uma aliada no processo de desenvolvimento do prazer pela leitura, devido ao que ela proporciona através dos livros digitais, por exemplo, e por conter diferenciais atrativos aos alunos. Por meio de imagens interativas, o professor realiza a leitura para os alunos, sem a presença do livro físico.

4 AS DIFICULDADES DO PROFESSOR EM SALA DE AULA E O INCENTIVO À LEITURA

O cotidiano de uma sala de aula é repleto de atividades e situações de aprendizagem que o professor deve administrar para que os conteúdos curriculares sejam trabalhados. Ele se depara com a difícil missão de lidar com o tempo, volume de conteúdos, salas de aula cheias e ainda tem, como uma de suas responsabilidades, o dever de desenvolver de maneira prazerosa a prática da leitura. O docente que atua com alunos capazes de decodificar o código escrito é responsável por transformar os conhecimentos científicos em aprendizagem, usando, como um de seus recursos, a leitura. Contudo, ele não pode se ater a ofertá-la apenas com sentido utilitarista, usando o texto como pretexto instrucional, didatista, de forma mecânica e rotineira para a aquisição dos conhecimentos das diferentes disciplinas.

Para que o professor não utilize a leitura utilitariamente, é necessário que ele compreenda o papel humanizador que ela exerce na vida do ser humano. Ela é componente do

[...] processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 1989, p. 117).

Com crianças pequenas, que ainda não são leitoras de textos escritos, o desafio não é diferente, ou seja, devemos estimular e apresentar as possibilidades de leitura a elas, humanizando-as, a partir de histórias encantadoras que podem ser encontradas nas páginas dos livros. O ato de ler/ouvir também faz parte do estreitamento dos laços entre a criança e a literatura, sendo um dos intermediários a impulsionar a habilidade leitora do aluno nesse processo. Em sala de aula, o professor proporciona momentos de leitura, com intuito de desenvolver uma prática que poderá acompanhar o infante

pela vida inteira. Na Educação Infantil, é possível levá-lo a se encantar e apreciar as narrativas nos momentos de audição de histórias, jograis, poema e dramatizações.

Para desenvolver um programa de leitura equilibrado, que integre os conteúdos relacionados ao currículo escolar, é necessário que se apresente variedade de gêneros, como contos, fábulas e poesias, além de considerar a idade da criança e, principalmente, o estágio de desenvolvimento e compreensão de leitura em que ela se encontra.

De acordo com Silva (1995), uma das condições básicas para que o aluno tenha gosto pela leitura é a *capacidade de leitura do próprio professor*. Ainda nessa perspectiva, sentir prazer ao leitura deve também ser requisito para os familiares das crianças, para que as auxiliem na aquisição dessa habilidade. Então ressalte-se que é possível criar estratégias para que essa prática faça parte da rotina da criança, com ações planejadas, integrando família e escola.

Mas como levar o aluno a se sentir motivado e ter prazer com essa atividade? É necessário que o professor o sensibilize para isso, através de atividades com temas e assuntos que despertem sua atenção, e que são encontrados nos livros. Deve também proporcionar ao discente o contato com materiais impressos, deixando-os acessíveis, a fim de permitir que os manuseie quando tiver interesse.

Na interação entre as crianças, permitir que coletivamente criem histórias, escritas pelo professor e ilustradas por elas, para que se sintam e se vejam como autores de seus textos. Contudo, ler não pode ser um ato impositivo, deve ser algo desenvolvido com prazer, com uma diversidade de textos, para que os alunos escolham quais gêneros mais lhes interesse. Essas são pequenas ações que contribuem para criar o encantamento por essa prática.

Numa era em que a humanidade está exposta a diversos estímulos visuais e auditivos, é necessário compreender que a leitura é um ato solitário. Tal afirmação encontra embasamento em Failla (2016):

Ler é uma prática que exige ficar só, que pede concentração, não oferece estímulo multimídia, mas, principalmente, pede o domínio da competência leitora e do letramento. Ler não é tarefa fácil para quem ainda não foi “conquistado” e é impraticável para quem não compreende aquilo que lê. (FAILLA, 2016, p. 20)

Cosson (2007, p. 17) compartilha desse pensamento, ao afirmar que “ler é um ato solitário”. Ele ainda compreende que a leitura tem influência nos sentidos do homem, causando transformações no mundo.

A literatura nos diz quem somos e nos incentiva a desejar a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser elaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência, e ainda assim, sermos nós mesmos. (COSSON, 2014, p. 17).

Sendo a literatura uma “experiência a ser realizada”, é imprescindível que o professor proporcione essa experiência aos seus alunos, potencializando saberes e humanizando a criança no percurso de seu desenvolvimento.

5 Considerações Finais

De acordo com a pesquisa realizada, é possível compreender que um grupo de professores que atuam na Educação Básica, no município de Cambé, ainda apresentam dificuldade em despertar no aluno o encantamento pela leitura.

A partir da análise das questões respondidas pelo grupo entrevistado, percebe-se que eles se prendem muito à quantidade de conteúdos curriculares que precisam ser trabalhados, em detrimento do prazer pela leitura.

Apesar de terem entendimento sobre a importância do encantamento do leitor, os professores ainda empregam a literatura com sentido utilitarista e têm dificuldade em utilizar obras que desenvolvam a humanidade da criança.

Faz-se necessário conscientizar esses professores, apresentando-lhes possibilidades de trabalho com a literatura, encantando o leitor, de maneira que os textos literários sejam aproveitados além da vinculação aos conteúdos curriculares, apresentando-se como instrumento de encantamento e formação de leitores.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Lingüística**. 6 ed. São Paulo: Scipione, 1993.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: Vários escritos, 3ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1989.

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

FAILLA, Z. (Org.) **Retratos da leitura no Brasil - 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

JOUVE, V. *et al.* Entrevista com Vincent Jouve, autor de *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervot. **Leitura em Revista**. Cátedra UNESCO de Leitura PUC - Rio, n.1, out., 2010.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MORAIS, J. **Criar leitores: para professores e educadores**. Barueri: Minha Editora, 2013.

OLIVEIRA, D. S., OLIVEIRA, M. M. **Sobre livros-pássaros, leitores-nuvens, leitura-árvore e biblioteca-terra: o papel social da leitura, do livro e da biblioteca**. In: *Revistas de Estudos Legislativos*. Porto Alegre, ano 12, n. 12, 2018.

SILVA, E. T. **A produção da leitura na escola: pesquisas e propostas**. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA, E. T. **O ato de ler**. Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA, N. Experiências literárias e o processo de formação de novos leitores. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 8-21, maio/ago. 2017.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia de pesquisa**. Curitiba: IESDE, 2006.

ZILBERMAN, R. (Org.) **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

II ENSEL – ENCONTRO SOBRE ENSINO DE

LEITURA E FORMAÇÃO DO LEITOR:

A SUBJETIVIDADE AINDA NO JOGO

7 E 8 DE MAIO DE 2019

ISBN: XXXX-XXXX
